

LIVROS

Fusão poética

TONI MARQUES

Geraldine, PIQUENIQUE EM XANADU. Editora Espaço e Tempo, 108 pgs. CZ\$ 2.100.

Em Xanadu, por que não um piquenique? Irrealidade por irrealidade, façamos uma refeição ao ar livre. Em seu terceiro livro, o poeta, teatrólogo, letrista e roteirista Geraldo Carneiro (relembra de assalto palavras e autores para fundi-los com poemas de procedências e destinos diferentes entre si. Ao contrário de "Em busca do Sete-Estrela", livro de unidade publicado em 1974 (dois anos antes de "Quamperius", de Chacal). Mais na linha de "Verão Vagabundo" (1980), aliás presente neste "Piquenique em Xanadu".

O novo livro de Geraldo é obra escrita entre a pilhagem e a pilhéria pelas mesmas mãos que desenvolveu esquadramento, teatro, música e TV. Pilhagem à maneira de Pound e Camões ("Eros meu, má fortuna e amor aos dentes; essa mulher só pensa em cocaina"), poetas árcades, Manoel de Barros e Bocage são visitados; pilhéria: a verso irônica, chegada à paródia, o poema que se ri de tudo e faz piadas (vide "Axé", algo Oswald). Ambas com intertextualidade — como bem alerta o prefácio de Sérgio Sant'Anna: diálogos que são poemas, poemas que são falas, falas que não o são, versos-antiversiones, por aí ("Deuteronômio", ou "Barganhas de Babel").

Ha ciria, ou, apesar de, ou, indolentemente, a fala lírica que Geraldo não bem executa, rimando, rimando versos apaixonados ("A south sea of discovery" ou "Mar de sargãos", este de beleza tão erótica quanto sotu-



O multimídia Geraldo Carneiro

na). E bem distantes da seção "Carnavais" e da anti-saga de Mant-Carú, primo bastardo de Macunaima-Miramar-Ponte Grande, escrito originalmente como roteiro para música de Wagner Tiso (vide disco homônimo).

"Piquenique em Xanadu" não se circunscreve ao círculo marginal dos idos de 70, como de resto a curta obra poética de Geraldo Carneiro. Ao lançar "Sete-Estrela", Geraldo entrou no mundo e, enquanto não do leão, abraçava a trapezista e mirava as marionetes. E, agora, consequentemente, mais esperto. Pena que o livro dure tão pouco. O fato de não ter uma unidade não importa. Tratam-se, afinal, de seções abrigadas pela mesma pena. Pena mesmo é que este cinema-teatro armado por este eleste um tantinho aprisionado em vídeo-clip. Esperemos um longa?

REMY GORGA FILHO

Richard Ellmann, OSCAR WILDE. Tradução de José Antônio Arantes. Editora Companhia das Letras, 544 pgs. CZ\$ 6.870.

Ele era capaz de dizer, enfaticamente, que "só as pessoas superficiais não julgam pela aparência", porque foi um diâni, bisarvo, extravagante e escandaloso em seu tempo. Misticador, podia construir frases e situações tão verdadeiras e causticas que pareciam vivas e válidas 100 anos depois. "Quero tornar minha própria vida uma obra de arte. Não ignoro o preço de uma poesia de alta qualidade, muito menos de uma rosa, de um vinho de boa safra, de uma gravata colorida, de um prato delicado".

Afetuado, vaidoso e desconcertante, foi acusado de todos os pecados — da efeminação ao plágio, até ser condenado por manter relações imorais com homens. "Pulgarcito, majestoso, pronto para a queda" (como foi descrito por contemporâneos), esse homem conheceu a glória e a humilhação como poucos.

Oscar Pingu, O'Flahertie Willis Wilde ("Não é um nome grandioso, vago e ossianico" — perguntou a mãe a uma amiga escocesa, um mês após o nascimento do filho) foi esse homem e a vida e o razão desse livro de Richard Ellmann, publicado pela Companhia das Letras, e sobre o qual se pode dizer muito, especialmente porque não retrata apenas a vida e o obra, mas recita tempo e ambiente e trabalha os ingredientes da vida com as mãos de emérito escultor.

Pela primeira vez, sente o leitor de biografias o verdadeiro prazer de re-



Oscar Wilde

A originalidade a que me refiro, aquela que pedimos ao artista, é a originalidade de tratamento, não de tema. Apenas os destituídos de imaginação criam. Conhece-se o

verdadeiro artista pelo uso que ele faz daquela que incorpora, e ele incorpora tudo.

conhecer não só a estatura do biógrafo, mas a rara arte do biógrafo. Porque essa nova biografia de Oscar Wilde, de fato, esmaça, e não pelo peso de suas mais de 500 páginas, mas pela força de uma pesquisa metódica, documentada, criteriosa e apaixonada. Passo a passo, com cinzel e bisturi, Richard Ellmann disseca para modelar seu personagem, descobrindo-lhe os atos e as intenções, fazendo-o reaparecer nos últimos anos de um século de falso moralismo. E diante de uma vida que superou a realidade, seja nos limites do prazo ou do drama, da exatidão à humilhação, vê-se o leitor na contingência de reconhecer que esta nova biografia de Oscar Wilde é tão rica, tão brilhante, tão refinada e tão espantosamente desconcertante quanto foi a vida daquele irlandês que se dizia socialista e insinuava ser homossexual.

Um dos poucos escritores do século passado que ainda são lidos com verdadeira paixão, Oscar Wilde ainda não tivera uma biografia definitiva, embora muitos tenham escrito sobre ele, como Peter Ackroyd, que ousou produzir um "diário intimo".

A verdade é que essa monumental pesquisa criativa não poderia senão ser escrita com o cuidado geral da crítica norte-americana, que a reconhece como uma verdadeira obra-prima de arte biográfica. Escrita com "consumada elegância", ela reúne, em uma obra de apenas 500 páginas, a crítica de Oscar Wilde, que não se atrevera, nem por um instante, de ter vivido para o prazer. "Eu o fiz por inteiro, como se deve ser em tudo aquilo que se faz. (...) Vivo do favor de mel".

Mais do que um policial

MIGUEL PAIVA LACERDA

Patricia Highsmith, UMA QUESTÃO DE MORAL. Tradução de Manuel Paula Ferreira. Editora Best Seller, 280 pgs. CZ\$ 3.700.

Os Alderman são uma típica família de classe média. Eles moram em Chalmerton, uma pacata cidade no Meio Oeste dos EUA, e todos os domingos vão ao culto na Igreja Protestante do lugar. O pai, Richard, trabalha numa companhia de seguros e votou em Reagan. Lois, a mãe, é dona-de-casa e trabalha de graça num hospital-clínica para bebês e crianças excepcionais. Arthur, o filho mais velho, cursa o último ano da High School, quer estudar Biologia em Columbia e namora a bela e rica Maggie. O capulha Robbie é um adolescente difícil com os problemas peculiares da fase. Tudo parece perfeito, mas um único acontecimento bastará para pôr fim a esse sonho americano.

A milagrosa salvação do filho mais novo, que escapa por pouco de uma resistente infecção, faz o pai "renascer". Richard se converte num fanático intolerante, e é seguido em seu fervor místico por Robbie. Os dois entram em rota de colisão com Arthur, que não alterou sua doce rotina que inclui sexo ocasional com sua namorada, quase nenhuma droga e algum rock'n'roll em festas ou na companhia de seu amigo Gus. A tensão é crescente, o pai, que antes se recusava a pagar a educação de Columbia, acaba expulsando-o de casa. Arthur se vê obrigado a trabalhar duro para complementar o pagamento de seus estudos e o aluguel de seu dormitório na Universidade local.

Apesar de seu companheiro de quarto ser um viciado insuportável, Arthur quase nunca aceita os convites de sua mãe para visita-los em casa. Seu irmão, com suas amizades estranhas, e seu pai, sempre imerso em suas obrigações religiosas, mal o cumprimentam. A situação parece sem saída quando Maggie, que está estudando em outro estado, lhe escreve contando que está saindo com outro. De súbito, porém, tudo muda novamente graças a Irene Langley, ex-prostituta, uma ovelha desgarrada que implora a Richard que a leve de volta à casa do Senhor.

"Uma questão de moral" é o mais recente livro de Patricia Highsmith, publicado no Brasil. Mais uma vez ela brinda o leitor com muito mais do que um policial comum. Este livro conjuga uma fina construção psicológica dos personagens, romance de costumes, uma crítica ao neoservidorismo americano e um delicado equilíbrio arquitetônico do enredo.

LEANDRO KONDER

Paul Nizan, A CONSPIRAÇÃO. Romance. Tradução de Vero Mourão. Editora Rocco, 226 pgs. CZ\$ 2.490.

Sartre disse uma vez que a história do comunismo, com suas grandezas e suas misérias, poderia constituir a matéria do romance do século 20. Talvez, no momento em que formulou essa observação, o pensador francês tenha lembrado, de algum modo, o livro "A conspiração", do seu amigo Paul Nizan.

Nizan — que morreu em combate, na guerra, aos 35 anos — recriou com extraordinário vigor os impasses e as aspirações de uma geração que alcançava a adolescência nos anos 20, em Paris. Em torno de Bernard Rosenthal (o protagonista do seu romance), Nizan pôs em movimento jovens românticos que se empenhavam em falar um linguagem rudemente cínica, moços que se revoltavam contra a elite a que pertenciam e reagiam, com cinismo e paixão, contra um tempo de náusea. Para eles, Marx e Lênin não passavam "de grandes pretextos, de grandes referências desordenadas". Buscavam uma mística de esquerda, queriam concretizá-la na ação, mas se recusavam a dissolvê-la na política. Eram esnobes, mas generosos; alimentavam fantasias heroicas, porém se enroscavam na realidade da cultura burguesa.

Quotidianamente, Bernard tenta organizar uma rede de espionagem para obter segredos militares do Estado francês e passá-los à União Soviética. A "conspiração" fracassa. Apaixonado por Catherine, mulher de seu irmão burguesado, Bernard acaba, entretanto, sendo repellido por ela e entra numa depressão profunda. Irreversível. O jovem Rosenthal, afinal, com todo o seu apetrecho "imperial", era um sensível, um sujeito consumido por sua própria imaginação.

Mas, em contraste com ele, que era uma ovelha transealada, um filho morto, a família Rosenthal (o pai, a mãe, o irmão sensato e até a cunhada) faz uma triste figura e aparece como uma realidade humana bem mais depravada, em sua disciplina e sua cultura.

A força desse romance parece estar em sua disposição desmistificadora, em sua insistência na desconflação: ele faz as contradições aparecerem e repele os esquemas explicativos simplistas. Nele perpassam pressentimentos terríveis: a instituição da família burguesa, antes da 2ª Guerra Mundial, já estava se decompondo. Os partidos revolucionários já estavam acolhendo infiltrações criminosas, adotando procedi-



mentos gangsterísticos. O socialismo se expandia, se infiltrava por toda parte: Serge Pivovarov, o jovem professor de filosofia, amigo de Bernard Rosenthal, é um "tira". A alegria era apenas a sensação fugaz de uma desgraça momentaneamente controlada. A dificuldade para navegar era tão grande que se difundia, nas pessoas, a disposição para o naufrágio.

Nizan, como romancista, penetrou nas camadas mais profundas da crise de seu tempo e por isso pressentiu a catástrofe da guerra que estava para acontecer. Recusando-se a adotar as fórmulas propagandísticas do "realismo socialista", o comunista Paul Nizan fez excelente literatura e nos legou um romance profético.

Seduções da fantasia

BELLA JOZEF

Marion Zimmer Bradley, RAINDA DA TEMPESTADE. Romance. Tradução Alzaida Borellis. Editora de Letras, Editora Imago, 344 pgs. CZ\$ 3.260.

"Rainda da tempestade", lançado originalmente em 1978 pela escritora americana Marion Zimmer Bradley, faz parte da série de romances sobre Darkover (22 títulos). O mundo criado do sol vermelho, segundo a autora, foi escrito a partir de pedidos de leitores da série. Na Era do Caos, chegam os terráqueos e ensinam a usar o poder da matriz. Na luta que se seguiu, foi criada uma tecnologia que ameaça fundir em Darkover uma réplica da terra. O resultado é a história de homens e mulheres que viveram sob a tirania e de como isso afetou suas vidas.

Embora pareça contraditório, a transparência do romance implica em ambigüidade e a narradora faz alusões como se estivéssemos cansados de conhecer os universos por onde nasceia sua prodigiosa imagina-



Marion Zimmer Bradley

forma que a autora encorajou para ampliar a participação do leitor, que se sente mimado, por assim dizer. Daí a conquista total é um passo. Há todo um processo de sedução. A narrativa cria profundo interesse, fazendo deslizar ir até o fim, ler o livro de uma só vez. O leitor passa a ter a impressão de possibilidades ilimitadas de percepção com essa mescla de medo e coragem, a combinação do astúcio e do óbvio na luta do bem contra o mal.

Ao lado de Dorilys, que nasce com a capacidade de controlar as temes-

tades e usar certas forças da natureza, está Donal, seu meio-irmão, Raina, monitro da Torre e Allari, capaz de prever todos os futuros possíveis. Mais uma vez, a crença religiosa (uma espécie de neo-paganismo) representa um papel principal no romance de Bradley.

Nascida em Albany, Nova York, Marion Zimmer Bradley escreve desde a mais tenra idade. Escolheu o caminho da ficção científica para suas criações. Começou a dominar as listas de "best-sellers" com "As brumas de Avalon" (1982 — cinco mil exemplares vendidos até hoje por mês), escrito a pedido de Lester del Rey, que lhe sugeriu um volume sobre as proezas de Sir Lancelot. A escritora interessou-se pela irmã do Rei Artur, a fada Morgana, e o resultado é do conhecimento de todos. "Rainda da tempestade" é uma parábola da criação do mundo e da luta permanente do homem pela justiça e pela paz. Mostra-nos que os domínios da ficção científica não se limitam de suas facilidades para o bem e que a intolerância só pode trazer a destruição.

REYNALDO BAIRAO

Fernando Sabino, O TABULEIRO DE DAMAS. Editora Record, 181 pgs. CZ\$ 2.490.

Sem dúvida alguma, este novo livro de Fernando Sabino vem confirmar de sobejo o que sempre escrevemos sobre ele: um escritor de indezível integridade literária, um excelente cronista, um confidante dos melhores de sua geração e um romancista que até hoje influencia as novas gerações, através de "O encontro marcado", talvez sua obra maior.

Eis que, agora, surge nas livrarias um esboço de autobiografia que, sem favor nenhum, vai muito além do esboço, levando-nos à reflexão e à vontade de que, em breve, surja um segundo volume destas memórias. Sempre tão abrangentes, estas páginas trazem à tona toda uma vida dedicada à literatura — a boa literatura — com quem conviveu ou convive ainda, como Drummond, Mário de Andrade, Pedro Nara, Clarice Lispector, Schmidt, Guimarães Rosa, Vinícius, Marques Rebelo, Moacyr Waneick de Castro. É lógico que se detém mais nos seus amigos que vêm da adolescência e juventude, vividas em Belo Horizonte: Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrini. Fala, ainda, de seus contatos com Kubitschek, Samuel Wainer, Jânio Quadros, Juarez Távora e Benedito Villalobos (sem exsorgo, pai de sua primeira mulher).

Com lirismo, refere-se à sua atual mulher, Lygia Marina, também escritora, autora de vários livros de cunho didático. Sempre com muito amor, muita precisão, muita economia e nenhum desmaneio, traça o perfil dessas pessoas com quem conviveu estes anos todos — fascinante trajetória de uma vida que vai dos "discursos" aos 3 anos de idade, até a enunciação do próprio epíteto de um homem que só pensa em voltar a ser menino".

Sim, porque em Fernando Sabino sempre se deu esta forte característica: a necessidade de voltar à infância, de resuscitar o menino que já mais morreu totalmente em seu coração. Talvez seja isso que sempre tanta poesia ao que escrevia, talvez esteja ali esse manancial inesgotável de amor e de ternura que transbordava de cada linha deste livro, que se lê emocionado e que o leitor devora até chegar ao fim.

Por tudo isso, "O tabuleiro de damas" não deixa de ser mais uma surpresa do autor de "O homem nu". Surpresa que esconde um segredo perturbante que existe dentro de todos nós e que só Fernando Sabino sabe como desvendar.



Fernando Sabino, autobiográfico

Viagem pessoal

ESDRAS DO NASCIMENTO

Elisa Lispector, ALÉM DA FRONTEIRA. Romance. Editora José Olympio, 102 pgs. CZ\$ 1.000.

Um problema fundamental se apresenta ao leitor de "Além da fronteira", de Elisa Lispector. Estaria ele diante de apenas mais um "romance de atmosfera" ou estaria sendo oferecida a sua fruição estética uma obra essencialmente fenomenológica?

Na conceituação clássica, romance de atmosfera é aquele em que se propõe uma "clima" geral vinculado aos aspectos físicos de local onde se desenvolve a ação. Não é o caso de "Além da fronteira". Não há no texto, a rigor, nenhuma indicação de espaço, não evitando essa característica.

vros que ninguém quer publicar, angustia-se por isso, entre outras coisas, sofre tremendamente e mergulha numa espécie de "em busca do tempo perdido", a rememorar infância, adolescência e começo de juventude, permeados pela presença marcante de algumas mulheres.

Fugindo ao psicologismo que marcou parte da literatura do século passado e ao documentarismo social que prevaleceu durante certo tempo no romance brasileiro, Elisa Lispector criou um personagem fascinante. Ele escolta, nos anáides do que lhe acontece ou deixa de acontecer, todos os pressupostos não só da realidade objetiva, como também de qualquer resposta ou julgamento subjetivos. Para o personagem de Elisa Lispector o imaginário tem "status" igual às "realidades" do mundo físico. Ele identifica a presença do fenômeno mental, descreve-o e tenta elucidá-lo, mas não o explica, simplesmente, deixando de lado a tradicional análise empírica da ciência e a dedução racional da lógica.

Patricia despreza os banhos de sangue e ação frenética comuns ao gênero e nos dá um magnífico retrato da intolerância, que aqui explode num crime digno de um estudo psiquiátrico. É impossível abandonar antes do fim este livro versátil, gostoso de ler.

ção e fosse a coisa mais natural ser laran ou barragana. Mas este fato não afasta o leitor, a sensação que se apossa dele é a de tudo conhecer e de tudo alcançar. A alusão, que ativa o funcionamento da pressuposição, nem sempre aumenta o significado mas dá a impressão de. Representa a

a capacidade de controlar as temper- nestu mção.

AUTOR

Há quanto tempo seus originais aguardam um editor?
Não espere mais, contrate já sua edição independente
com lançamentos Rio/S. Paulo, sob o selo da
BITAUDUS — Tel.: (011) 242-0326

ca. A história tanto se poderia passar em Quebec como em Oeiras, no Piauí.

O enredo, se é que há enredo em "Além da fronteira", pode ser resu- mido com facilidade: um jornalista desajustado na profissão escreve li-

Desse ponto de vista, a leitura de "Além da fronteira", de Elisa Lispector, poderá resultar em experiência altamente enriquecedora, pela interação intuitiva que se processará entre a consciência do fruidor e o objeto estético oferecido à sua sensibilidade.